

## SOBRE A TRADUÇÃO PORTUGUESA DE ESPECTROS DE MARX

### ABOUT THE PORTUGUESE TRANSLATION OF SPECTERS OF MARX

BRUNO PADILHA<sup>1</sup>

**Abstract:** The publication of the Portuguese translation of Specters of Marx is a fortunate opportunity to examine not only the book's contemporaneity but also its importance within the Derridean corpus. The present text aims at an introductory reading that stresses both the plagues devastating our world and the call to justice (not to be identified with the Law). «Time is out of joint», writes Jacques Derrida quoting Shakespeare's Hamlet: cry of sorrow and plea to responsibility.

**Key words:** Spectres of Marx; Marx; Jacques Derrida; Deconstruction; Justice; Responsibility.

**Resumo:** A publicação da tradução portuguesa de Espectros de Marx revela-se uma feliz ocasião para examinar não apenas a contemporaneidade do livro, como também a sua importância no corpus derridiano. Neste texto vamos ensaiar uma leitura introdutória que saliente quer as pragas que assolam o mundo quer o apelo à justiça (diferente do direito). «Time is out of joint», escreve Jacques Derrida citando o Hamlet de Shakespeare: lamento e apelo à responsabilidade.

**Palavras-chave:** Espectros de Marx; Marx; Jacques Derrida; Desconstrução; Justiça; Responsabilidade,

**Résumé:** La publication de la traduction portugaise de Spectres de Marx est une heureuse occasion pour examiner tant la contemporanéité du livre que son importance dans l'ensemble de l'œuvre derridienne. Dans ce texte nous voulons essayer une lecture introductoire qui fait ressortir soit les plaies de notre monde soit l'appel à la justice (à distinguer du droit). «Time is out of joint», écrit Jacques Derrida en citant Hamlet de Shakespeare: lamentation et appel à la responsabilité.

**Mots-clés:** Spectres de Marx; Marx; Jacques Derrida; Déconstruction; Justice; Responsabilité.

---

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras. Email: [brunopadilha@gmail.com](mailto:brunopadilha@gmail.com)  
ORCID: 0000-0001-6574-8536

## 1.

Esta nota de leitura, à laia de recensão, é porventura uma excelente ocasião para, em primeiríssimo lugar, saudar a recente tradução de *Espectros de Marx* por Fernanda Bernardo<sup>2</sup>. Não apenas por continuar a divulgação, no nosso país, do idioma *filosófico* de Jacques Derrida, mas também por se tratar da edição de uma obra cujas análises se revestem de uma urgente atualidade. Saudamos de igual modo a preocupação pedagógica da tradutora na sua tarefa de dar a ler o difícil e singular idioma derridiano: aos leitores portugueses é dada uma via de acesso ao texto a partir de um profundo conhecimento da extensa obra de Derrida, e certamente que as inúmeras notas de tradução (principalmente nas primeiras páginas), além de justificarem difíceis opções de tradução, ajudarão a esclarecer não apenas o contexto das afirmações do filósofo como também o arsenal conceptual mobilizado (e neste ponto é essencial compreender o alcance filosófico e as implicações políticas da torção a que o filósofo sujeita muitos dos nossos conceitos mais familiares e seguros).

Neste sentido, assim o cremos (e esperamos), esta edição portuguesa suscitará naturalmente o interesse dos leitores assíduos da obra do filósofo francês, e ademais de todos quantos se inquietam com os cenários catastróficos que *nos* assolam – entre eles, precisamente, esse terrível fantasma que com regularidade (re-)aparece (para desde já recorrer ao termo a que nesta tradução se lança mão para verter o *revenant* derridiano), a saber, o do fim dos tempos e dos mundos. Não basta, todavia, e essa é talvez uma das grandes lições desta obra, identificar o (re-)aparecente para dele nos livrarmos ou para o (es-)conjurar, uma vez que – como o filósofo repetidas vezes o escreve – um espectro, um fantasma se furtam sempre à identificação plena e segura – como aliás se dá a ler trazendo para este seu «pensamento do espectro»<sup>3</sup> o *Hamlet* de William Shakespeare. Fantasma, espectro, essa «coisa inominável ou quase» que vem «a desafiar a semântica tanto quanto a ontologia, a psicanálise tanto quanto a filosofia»<sup>4</sup>. É a mesma coisa que (re-)aparece, é outra? «Marcelo: *What, ha's this thing appear'd againe tonight?* Bernardo: *I have seene nothing*». O *próprio* dos fantasmas e dos espectros é pois esquivarem-se à identificação temporal e espacial – sempre *mais de um/não mais um* (*plus d'un* na sua múltipla escuta como nos alerta a nota de tradução da página 25). Como bem se vê, por um dos seus fios, *Espectros de*

---

<sup>2</sup> Jaques Derrida, *Espectros de Marx*, trad. Fernanda Bernardo (Coimbra: Palimage, 2021), 283 pp.

<sup>3</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 280, n 42

<sup>4</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 30

*Marx* continua o longo questionamento derridiano da suposta simplicidade e unidade do presente e da presença do presente. Haveremos de aqui voltar.

Na perspetiva de uma leitura “menos” especializada, *Espectros de Marx* comporta, em especial no terceiro capítulo, intitulado «Usuras (pintura de um mundo sem idade)», uma longa discussão do «quadro negro»<sup>5</sup> deste nosso «mundo» globalizado (melhor, mundializado, *mundialatinizado*). «O mundo vai mal», escreve Derrida, «a pintura é sombria, dir-se-ia quase negra», e todos nós acenamos, quase trinta anos depois (recorde-se que *Espectros de Marx* teve origem numa «conferência proferida no decurso de duas sessões, a 22 e 23 de Abril de 1993, na Universidade da Califórnia (Riverside)), em sinal de concordância. Os desenvolvimentos «tecnotelemediáticos» expõem e exporão a uma velocidade exponencial os limites das instituições públicas e privadas, começando talvez por pôr a nu as insuficiências de uma tal separação (absoluta) entre as duas esferas. A eficácia mediática de um *soundbite*, de um *tweet* é hoje incomparável aos tradicionais discursos políticos, ou ao minucioso e demorado processo jurídico. J. Derrida não podia saber ainda até que ponto seriam justas as suas palavras, citemo-las sem pressas:

A representatividade eleitoral ou a vida parlamentar não está somente falseada, como foi sempre o caso, por um grande número de mecanismos sócio-económicos, mas exerce-se cada vez pior num espaço público profundamente transtornado pelos aparelhos tecnotelemediáticos e pelos novos ritmos da informação e da comunicação, pelos dispositivos e pela velocidade das forças que representam<sup>6</sup>.

Não se trata, contudo, e Derrida deixa-o bem claro (leia-se: «como foi sempre o caso»), de chorar por um tempo inocente, em que a técnica e a tecnologia não tinham ainda invadido o espaço público – como se elas, a técnica e a tecnologia nas suas diferentes formas, não fossem antes a condição de possibilidade da constituição deste último. Mas tão-pouco se trata de ignorar a singularidade da «nossa» contemporaneidade – se a obra nos adverte para o caráter constitutivo do «out of joint» e da própria temporalidade do tempo, daquilo que faz o tempo, não deixa, por outro lado, de pensar a especificidade com que este «out of joint» *constitutivo* se reveste na «nossa» época, no «nosso» mundo. E se, neste contexto, nos socorremos das aspas em torno do determinante possessivo é para apontar desde já para algumas das pragas da «nova ordem mundial»<sup>7</sup> que o filósofo identifica neste terceiro capítulo de *Espectros*. Desemprego, a «exclusão massiva de cidadãos sem abrigo (*home-*

<sup>5</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 138

<sup>6</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 139

<sup>7</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 142.

less) de toda a participação na vida democrática dos Estados»<sup>8</sup> ou «as guerras interétnicas»<sup>9</sup> apontam bem para a heterogeneidade, os desajustes e as desigualdades que a unidade de um *nós* não pode senão olvidar e, no pior dos casos, ocultar. Como falar hoje de um *nós* – uniforme e maciço – quando uns correm para a 3.<sup>a</sup> dose da vacina contra a Covid-19 e outros não têm sequer a possibilidade de acesso à vacinação? Sabemo-lo, do mesmo modo, que o que é *aqui* um diagnóstico reservado pode ser *ali* uma sentença de morte. É bom, por conseguinte, não esquecer os efeitos *diferenciais* do crescimento tecnológico e da sua expansão. «*The time is out of joint*»<sup>10</sup>.

Não se pense contudo que se pretende denunciar simplesmente a desconjunção e o transtorno, como se fossem puros males. No capítulo anterior, o segundo do livro («Conjurar – o Marxismo»), e na sua discussão e leitura do *bestseller* *O fim da história e o último homem* de Francis Fukuyama, J. Derrida analisa precisamente os perigos (e as injustiças) que um tal discurso – isto é, de um discurso com pretensões a saltar por cima ou a superar o desvio e o «fora dos eixos» – traz consigo. Não caíndo nunca numa leitura simplista do livro de Fukuyama («não é assim tão mau ou tão ingénuo como o deixaria crer uma exploração desenfreada que o exhibe como a mais bela montra ideológica do capitalismo vencedor numa democracia liberal»<sup>11</sup>), o filósofo procura mais exatamente os pressupostos de um tal anúncio da «boa nova» (a «boa nova» da aliança «da democracia liberal e do “mercado livre”») – anúncio esse que coabita bem com a miséria e a indigência da «realidade empírica» (as tais pragas). De algum modo, pela lógica de Fukuyama tal como ela é relida por J. Derrida, o ideal já se *des-cobriu*, está já de certa forma presente<sup>12</sup>, fez irrupção da história (como o seu *telos*) mas a dita «realidade empírica» está atrasada – não é ainda aquilo que deve ser, e que em última análise tem de ser. Nesta perspetiva, injusto é tudo quanto impede o ideal de plasmar-se e constituir-se *efetivamente*. Com alguma frequência será mesmo necessário dar um “empurrãozinho à realidade” que está a ficar para trás – em nome da justiça e da democracia.

O que Derrida nos ensina, porém, é a ver neste tipo de discurso a injustiça mesma – como aliás nos dava a entender não apenas o seu recurso à “definição” levinasiana de justiça<sup>13</sup> mas também quando, ainda no «Exórdio», escreve que a questão da justiça «provém *do* porvir» e, neste sentido, excede «toda a presença como presença a si». Começamos assim a vislum-

<sup>8</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 143.

<sup>9</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 144.

<sup>10</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 47.

<sup>11</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 104.

<sup>12</sup> Cf. Derrida, *Espectros de Marx*, 113-114

<sup>13</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 53: «“A relação a outrem – ou justiça”, escreve Lévinas».

brar a (hiper-)radicalidade<sup>14</sup> que o pensamento de Derrida comporta, nomeadamente aqui através da questão, ou antes da *experiência*<sup>15</sup> da justiça. De certa maneira, num jeito um tanto oracular, dir-se-ia que há que pensar a justiça a partir da disjunção, do «out of joint», e não este último a partir da justiça. Explicamo-nos. Se a justiça é a «vinda do outro» (vem do outro e é a vinda do outro), «incalculabilidade do dom e singularidade da ex-posição an-económica a outrem»<sup>16</sup>, não é a disjuntura a sua possibilidade?<sup>17</sup> A justiça concebida como «juntura, ajuntamento, ajustamento, articulação do acordo ou da harmonia»<sup>18</sup>, Derrida replica com a justiça enquanto ex-posição, assimétrica, à alteridade ab-soluta – ao que ou a quem vem<sup>19</sup>. Não há como ignorar a estranheza, a inquietação que uma tal discussão nos suscita. Não estamos nós, acima de tudo, tranquilamente seguros de que «fazer justiça»<sup>20</sup> consiste em restabelecer a ordem e a harmonia? Não assentam as nossas próprias instituições políticas e sociais numa tal segurança? A justiça, *como direito*, faz-se ou aplica-se («aplicar a lei», *ibid.*) nos casos em que, de uma forma ou de outra, a ordem foi ou está sob ameaça. Em caso de *prevaricação* (“infringir uma norma estabelecida”, do latim *praevaricare*, no qual soa também *varus* (“que tem as pernas voltadas para dentro”, “as pernas *tortas*”) é preciso restituir a harmonia. Ora, o que nos é dado pensar ao longo de todo este livro, é que esta conceção de justiça (como direito) não é ela mesma possível senão pela *experiência* da justiça como *ex-posição* ao(s) outro(s). De facto, se a justiça fosse apenas uma questão de «aplicar a lei», uma lei já sempre dada previamente, nada se passaria, e num certo sentido, nada se faria. A medida estaria dada, “bastando” agora aplicá-la. Pois bem, acaso para aplicar a justiça (como direito) não seria ainda assim necessário que qualquer coisa viesse, do exterior, de fora, suspender a ordem e a harmonia? Os deuses não podem enterrar os mortos, lembra-nos o filósofo já na parte final <sup>21</sup>.

Ainda que não ousemos entrar aqui numa tal questão, lembremos no entanto o repensar da finitude que atravessa inúmeros textos do filósofo – entre

<sup>14</sup> Leiam-se as notas de tradução das páginas 16, 29, 35 e 88 para o alcance do gesto singular da desconstrução derridiana.

<sup>15</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 14, ss.

<sup>16</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 53.

<sup>17</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 52: «Não é a disjuntura a própria possibilidade do outro?», quer dizer, da justiça tal como é aqui pensada

<sup>18</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 54.

<sup>19</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 53-61. Cf. a leitura derridiana do texto *Der Spruch des Anaximander* de Martin Heidegger, radicalizando – de certo modo – aquele que já fora o gesto do filósofo alemão ao distinguir *Dike* das «determinações jurídico-morais da justiça». Derrida, *Espectros de Marx*, 53-61.

<sup>20</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 53.

<sup>21</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 281.

os quais *Espectros de Marx*. Uma finitude não mais pensada enquanto limitação, mas sim enquanto ex-posição a outrem – justiça. Poder-se-ia dizer, por conseguinte, que a justiça (que não o direito) é coisa de finitude.

Mas então, interroga-se e interroga-nos J. Derrida, «como distinguir entre dois desajustamentos, entre a disjuntura do injusto e a que abre a dissimetria infinita da relação ao outro, quer dizer, o lugar para a justiça?»<sup>22</sup>; de facto, esta é sem dúvida uma das grandes inquietações que as considerações anteriores não podem senão suscitar. Por outras palavras, como distinguir entre a disjuntura como atentado ao direito (justo) e a disjuntura como a condição sem a qual a justiça jamais teria chances? Parece-nos que é na subtil diferença entre estas duas “figuras” do «out of joint» que se debate a herança derridiana no tocante à política e ao político. Uma vez mais, é impossível entrar aqui no longo debate em torno destas problemáticas<sup>23</sup>, sublinhariamos apenas que a *experiência* da justiça é ao mesmo uma experiência da *urgência*, inclusive da urgência de um «certo espírito da crítica marxista»<sup>24</sup>. Não há aqui fórmulas mágicas que nos permitam esconjurar esta ambiguidade, como se – em última análise (e é precisamente a «última análise» que se vê questionada, cf. nota 1, p. 88) ela pudesse ser resolvida ou superada. «Tudo seria ainda simples se esta distinção entre justiça e direito fosse uma verdadeira distinção», dissera-o J. Derrida em «Do direito à justiça» (1989)<sup>25</sup>. Por conseguinte, a desconstrução (derridiana) e o apelo da justiça que a porta não são sinónimos de destruição ou aniquilação do direito ou das instituições – é bom repeti-lo para não apavorar os mais susceptíveis<sup>26</sup>. Não há que procurar

<sup>22</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 53.

<sup>23</sup> Cf. J. Derrida et al., *Ghostly Demarcations: A symposium on Jacques Derrida's Spectres de Marx* (London/New York: Verso, 2008 [1999]), p. 52 ; Fernanda Bernardo, «Derrida – Toujours déjà « politique » (écriture-parjure-pardon)» in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 27, n.º 54, 2018, p. 211-248 ; Fernanda Bernard, *Derrida – em nome da justiça. Do cosmopolitismo à alter-mundialização por vir* (Coimbra: Palimage, 2021).

<sup>24</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 150.

<sup>25</sup> J. Derrida, *Força de Lei*, trad. Fernanda Bernardo, Porto: Campo das Letras, 2003, p. 37.

<sup>26</sup> Muito recentemente, mais precisamente nos dias 7 e 8 de janeiro, teve lugar na Sorbonne um colóquio intitulado *Après la déconstruction: reconstruire les sciences et la culture*, organizado pelo *Collège de philosophie*. Para aceder às diferentes comunicações apresentadas então: <https://decolonialisme.fr/?p=6517> [acedido a 27 de janeiro]. Na sua intervenção, Pierre-André Taguieff começa com as auspiciosas palavras «a desconstrução como máquina de guerra contra a civilização ocidental». A propósito, diga-se que não se trata somente de um *fait divers*; o ministro francês da Educação, da juventude e do desporto, Jean-Michel Blanquer abriu as jornadas. Naturalmente, o evento já fez correr muita tinta. Com mais ou menos acidez e ironia, foi-se lembrando que antes de procurar um depois ou um pós-desconstrução convém na verdade ler efetivamente as obras e

em *Espectros de Marx* alternativas aos partidos, aos Estados, à cidadania ou até mesmo às identidades nacionais, tão-pouco objetar ao filósofo o facto de não apresentar “medidas concretas” – como se nisso se esgotasse o interesse do questionamento filosófico. «Que não devem inquietar-se», responde J. Derrida quando questionado sobre os «seus detractores que o acusam de aniquilar a própria ideia de sujeito humano»<sup>27</sup>, e que a leitura de *Espectros* nos permite estender a estas outras instituições e conceitos<sup>28</sup>. Sim, por um lado, «não se inquietam» porque não se trata de pura e simplesmente deitar abaixo a «civilização ocidental» e as suas instituições. Por outro, contudo, «devem inquietar-se», uma vez que é preciso vigiar e meditar sem descanso – também em razão da distinção, que é preciso (*il faut*<sup>29</sup>) salvaguardar sempre, entre os «dois desajustamentos». Afinal, onde está a universalidade (que essa mesma civilização clama para si) quando um número elevado de pessoas estão ainda dela excluídas? Haveria ainda, hoje, que mencionar a questão do sofrimento dos outros viventes não-humanos (seja ele direta ou indiretamente provocado pela atividade humana) a que J. Derrida faz uma breve alusão<sup>30</sup>. Ou ainda, como esquecê-lo, a presença atual da crise climática, que este livro de J. Derrida, embora não a discutindo explicitamente, nos ajuda a pensar<sup>31</sup>. Porém, não sendo o tom da obra taumatúrgico, nem o seu objetivo propor um novo ideal ou um novo *telos* que viesse finalmente fechar a porta aos fantasmas, não cremos em absoluto que isto seja uma razão para ignorar a importância decisiva de *Espectros de Marx*. Pelo contrário, se nos podemos atrever a dizer. Se há um apelo que atravessa o livro inteiro é uma certa vigília sem piedade. Sem álibi *ideal*, e reivindicado um «certo *espírito*

---

os textos que se pretende exorcizar (Mathieu Potte-Bonneville [<https://aoc.media/analyse/2022/01/26/qui-a-peur-de-la-deconstruction/>]; Jacob Rogozinski [[https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/01/23/on-peut-se-demander-si-ceux-qui-accusent-la-deconstruction-derridienne-d-etre-unique-ment-destructrice-ont-lu-derrida\\_6110613\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/01/23/on-peut-se-demander-si-ceux-qui-accusent-la-deconstruction-derridienne-d-etre-unique-ment-destructrice-ont-lu-derrida_6110613_3232.html)]; Elisabeth Roudinesco [[https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/01/19/elisabeth-roudinesco-on-ne-combat-pas-des-derives-en-faisant-la-guerre-a-l-intelligence\\_6110143\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/01/19/elisabeth-roudinesco-on-ne-combat-pas-des-derives-en-faisant-la-guerre-a-l-intelligence_6110143_3232.html)]).

<sup>27</sup> J. Derrida, «A Desconstrução e o Outro», trad. Fernanda Bernardo et al. in Fernanda Bernardo, *Derrida – o dom da différence (Desconstrução-Pensamento-Literatura)* (Coimbra: Palimage, 2019), p. 41.

<sup>28</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 162: «reelaboração profunda e crítica do conceito de Estado, de Estado-nação, de soberania nacional e de cidadania».

<sup>29</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 16. Cf. Nota de tradução 1.

<sup>30</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 149: «com pesar, deveremos deixar aqui de lado a questão, no entanto indissociável, do que se torna a vida dita «animal, a vida e a existência dos «animais» nesta história».

<sup>31</sup> Cf. Matthias Fritsch et al (ed.), *Eco-Deconstruction: Derrida and Environmental Philosophy* (New York: Fordham University Press, 2018); Philippe Lynes, *Futures of Life Death on Earth: Derrida's General Ecology* (London: Rowman & Littlefield, 2018).

da crítica marxista», «tratar-se-ia de voltar a pôr em questão, em alguns dos seus predicados essenciais, o próprio conceito do dito ideal»<sup>32</sup>.

Digamo-lo economicamente: a *justiça* em sede derridiana<sup>33</sup> não é nem um *telos*<sup>34</sup>, nem uma ideia reguladora da razão<sup>35</sup>. Outro tanto pode ser dito do sintagma «democracia por vir»:

Trata-se aqui do próprio conceito de democracia como conceito de uma promessa que não pode surgir senão num tal diastema (desvio, falhanço, inadequação, disjunção, desajustamento, estar «*out of joint*»). É por isso que nos propomos falar sempre de democracia *por vir*, não de democracia *futura*, no presente futuro, nem sequer de uma ideia reguladora, em sentido kantiano, ou de uma utopia<sup>36</sup>.

Portanto, como bem se vê, não há que temer. A desconstrução derridiana não veio instalar qualquer ditadura *wokist*, nem tão-pouco oprimir o «homem branco ocidental» – pobre e enigmática criatura perseguida por todos os lados<sup>37</sup>. Muito menos é *Espectros de Marx* um assalto à civilização ocidental e às suas instituições.

## 2.

Até ao momento temos vindo a elencar alguns elementos de uma leitura mais geral, principalmente aqueles que nos parecem essenciais para compreender não apenas as *intenções* de J. Derrida (não que o interesse deste texto, e de qualquer texto, se esgote nesta questão da *intenção*, que aliás o filósofo desde cedo procurou interrogar) mas também o alcance atual do texto. Gostaríamos agora de puxar outros fios: nomeadamente, a) o lugar de Marx e do marxismo em *Espectros de Marx*, e – muito brevemente e para terminar – b) em que medida o livro nos dá a pensar a coerência da obra de J. Derrida que não em termos de uma qualquer viragem ética ou política. Veremos, aliás, como estes fios estão intimamente conectados nesta obra.

<sup>32</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 151.

<sup>33</sup> Singularmente distinta do direito; cf. Derrida, *Espectros de Marx*, 16; 61.

<sup>34</sup> Cf. Derrida, *Espectros de Marx*, 72: onde o filósofo procura discernir «entre a escatologia e a teleologia»

<sup>35</sup> Cf. igualmente J. Derrida, *Vadios*, trad. Fernanda Bernardo et al. (Coimbra: Palimage, 2009), p. 163-176.

<sup>36</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 116.

<sup>37</sup> Sem querer «bater na mesma tecla», os mais corajosos podem visitar a página de apresentação do *Observatoire du décolonialisme* ([https://decolonialisme.fr/?page\\_id=73](https://decolonialisme.fr/?page_id=73)), que por uma questão de decoro não nos atrevemos a citar.

Em *Posições* (1975) deixava-se adivinhar a importância de Marx e do texto marxista para o pensamento derridiano – e não apenas no sentido de compreender a sua génese. Mas, afirmava então o filósofo, um tal confronto ou uma tal explicação permanecia «*ainda por vir*», pelo menos na forma de publicação, pois sabemos hoje que muitos dos seminários lecionados pelo filósofo nos anos 70 estavam já marcados por uma tal explicação<sup>38</sup>. Em *Espectros de Marx* relembra-se não apenas o contexto cultural em que a meditação derridiana se desenvolveu<sup>39</sup>, como também a responsabilidade «teórica, filosófica, política» que leva o filósofo a escrever «será sempre uma falta não ler e reler e discutir Marx»<sup>40</sup>. Primeiro ponto, fundamental, a reter: o livro não é um ajuste de contas com a herança marxista, ou qualquer exorcizar do contexto social e cultural que viu emergir a desconstrução. Por conseguinte, muito menos podia a iminência da desapareição da «máquina de dogmas e os aparelhos ideológicas “marxistas”» servir de desculpa para fugir à necessidade de uma tal explicação. Recorde-se, aliás, que *Espectros de Marx* tem na sua génese a participação de Jacques Derrida num colóquio intitulado «*Whither Marxism?*» que, já o referimos, teve lugar em 1993 – estando deste modo marcado por consideráveis circunstâncias históricas (a queda do muro de Berlim e a dissolução da União Soviética). *Whither marxism* de que o filósofo nos dá uma dupla escuta percorre os diferentes capítulos da obra, a saber, «Aonde vai o Marxismo», «mas também, subrepticamente, «Está o marxismo em vias de perecer (*wither*)?»»<sup>41</sup>.

Perante este contexto não podemos senão esperar, da parte de Derrida, um gesto profundamente intempestivo, de que é impossível não detetar a «subversão»: afirmar a herança e o porvir de Marx e de um certo marxismo numa época em que, um pouco por todo o lado, se clamavam as suas mortes. Digamos que o próprio *Espectros de Marx* está «out of joint», fora dos eixos relativamente ao seu tempo, nomeadamente quando o filósofo põe a sua reflexão do lado de um certo espírito do marxismo. Escutemos Derrida:

Dissimulando-se todos estes falhanços e todas estas ameaças, pretender-se-ia dissimular o potencial – força e virtualidade – do que se chamará o princípio, e mesmo, sempre na figura da ironia, o *espírito* da escrita marxista. Este *espírito* da crítica marxista, que parece hoje em dia mais indispensável do que nunca, estaríamos nós tentados a distingui-lo tanto do marxismo como da ontologia, sistema filosófico ou metafísico, como “materialismo

<sup>38</sup> Cf. Thomas Cément Mercier, « Différence sexuelle, différence idéologique: Lectures à contretemps (Derrida lisant Marx et Althusser, dans les années 1970 et au-delà) » in *Décalages*, Vol. 2, N. ° 3, p. 11.

<sup>39</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 40.

<sup>40</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 40.

<sup>41</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 9.

dialético”, e do marxismo como materialismo histórico ou como método, e do marxismo incorporado nos aparelhos do partido, em Estados ou numa Internacional operária<sup>42</sup>.

É importante ressaltar que embora não esteja em questão defender estes aparelhos ideológicos, também não se pretende reabilitar o pensamento de Marx fora de qualquer disputa política ou ética (p. 65-66). Pelo contrário, num gesto a que a desconstrução derridiana nos habitua, *Espectros de Marx* insiste – nomeadamente no primeiro capítulo («Injunções de Marx») – na necessidade de *abrir* os textos de Marx a uma releitura além, frequentemente, daquilo a que se chama marxismo. Não está em causa, assim, neutralizar o alcance político ou ético deste ou daquele texto de Marx, mas antes sublinhar em que medida o seu interesse – o interesse da obra de Marx – não se esgota nas teses e/ou posições que tradicionalmente se procurou retirar dali. Uma vez mais, e não podemos deixar de o notar, é a questão do texto e da leitura que Derrida nos obriga a pensar. Acima de tudo, assim o pensamos, o filósofo guia a sua reflexão no sentido de salientar o que locomove a crítica marxista – esse *espírito* de que nos fala a passagem que citámos acima. Em suma, um «certo *espírito*» atento às exclusões (para não dizer, brutalmente, aniquilações) que se escudam nas identidades nacionais e na lógica de mercado<sup>43</sup>.

É talvez nesta linha que se pode pensar o cruzamento entre Marx e o *Hamlet* de Shakespeare<sup>44</sup>. Derrida pensa a sua (e a nossa) condição de herdeiros (especificamente, neste contexto, de herdeiros de Marx) a partir da questão do fantasma, e do tempo e espaço “enigmáticos” deste. Como o filósofo o dirá, «ser é herdar»:

*Somos* herdeiros, isto não quer dizer que *temos* ou que *recebemos* isto ou aquilo, que determinada herança nos enriquece um dia com isto ou aquilo, mas sim que o *ser* do que nós somos *é*, em primeiro lugar, herança, quer nós queiramos e o saibamos ou não<sup>45</sup>.

*Começamos* por herdar. Esta passividade («queiramos e saibamos ou não») implica, paradoxalmente, que a herança não é um *dado* – «é sempre uma tarefa»<sup>46</sup>. Como nos mostra a figura de Hamlet, que é, intempestivamente (sem horizonte de espera, portanto) *visitado* pelo fantasma de seu pai, e que não recebe qualquer *dado* mas antes do mais uma tarefa, uma responsabilidade («With all my loue I doe commend me to you»). A herança traz

<sup>42</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 122-123.

<sup>43</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 142-ss.

<sup>44</sup> Cf. o exergo do primeiro capítulo; Derrida, *Espectros de Marx*, 23.

<sup>45</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 100.

<sup>46</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 100.

consigo a *obrigação* da seleção, da escolha, da triagem – a liberdade é um dom do outro. É esta a natureza da *injunção* de Marx, à qual – por vezes contra os que se pretendem os únicos e legítimos herdeiros da obra – Derrida pretende aqui responder. Ao mesmo tempo, contra todos os que sabem, ou crêem saber que de «Marx está morto» e bem morto, Derrida reivindica o direito – o dever inclusive – de ler e reler a obra de Marx<sup>47</sup>. Contudo, ter-se-á já compreendido, não se requer a dedução de novas teses ou novas posições, mas antes mostrar em que sentido os textos, neste caso os textos assinados por Marx, não são redutíveis a elas. Há sempre restos – ou espectros. Tudo quanto não se deixa reduzir à ontologia da tese, da posição. É essa também a *justiça* de uma leitura: dar a voz ao outro, escutar o seu apelo.

Este é o momento para assinalar o modo como Derrida faz tremer a distinção entre espírito e espectro (que aliás já se deixa antever na própria ambiguidade do termo *sprit*, *Geist* e também na palavra portuguesa *espírito*). Ao trazer para a discussão esta questão pretendemos sobretudo vincar em que sentido este «certo *espírito* da escrita marxista» ou da «crítica marxista» não é qualquer coisa que paira *sobre*, *acima* dos textos de Marx. Digamo-lo muito resumidamente, este *espírito* do marxismo é, no mesmo lance, um *espectro* – ou espectros – enquanto este diz precisamente «uma incorporação paradoxal, o devir-corpo, uma certa forma fenomenal e carnal do espírito»<sup>48</sup>. Não se trata, por conseguinte, de abandonar a obra de Marx para nos pormos à cata de um misterioso e inefável *espírito*, que estaria como que traído ou desvirtuado pela própria escrita ou crítica marxista. Pelo contrário, Derrida presta uma grande atenção à letra marxista. Vamos vê-lo nos próximos parágrafos, mas não sem primeiro assinalar que num das passagens mais claras a este respeito. Derrida não só reivindica este *espírito/espectro* da crítica marxista, mas escreve mesmo que a desconstrução «teria sido impossível e impensável num espaço pré-marxista»<sup>49</sup>:

Mesmo se não foi mantida, pelo menos na forma da sua enunciação, mesmo se se precipitou para o presente de um conteúdo ontológico, uma promessa messiânica de um tipo novo terá imprimido uma marca inaugural e única na história<sup>50</sup>.

Será nos capítulos 4 («Em nome da revolução, a dupla barricada (impura «impura história impura de fantasmas») e 5 («Aparição do inaparente: a «escamotagem» fenomenológica») que Derrida mais atenta e minuciosamente

<sup>47</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 40: «não haverá porvir sem isso».

<sup>48</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 29

<sup>49</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 158.

<sup>50</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 157.

lê Marx (citando frequentemente *A Ideologia Alemã, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* e *O Capital*). Ora, a leitura destes dois capítulos remete-nos para o duplo genitivo do título (*Espectros de Marx*): por um lado, e como temos vindo a afirmar, o filósofo presta sempre especial atenção a tudo quanto não se pode resumir num qualquer marxismo (e que, por conseguinte, não pode senão (re-)aparecer), mas, por outro, segue-se o texto de Marx para ali descobrir a tentação do marxismo, a saber, «a caça aos fantasmas»<sup>51</sup>. A tentação de assistir à génese dos fantasmas e dos espectros, para mais facilmente acabar com eles. Neste sentido preciso, *um certo* Marx repetiria as pretensões de uma «velha Europa»<sup>52</sup>. É esta duplicidade, cremos, que Derrida investiga e nos dá a ler. Ou melhor, esta quase-distinção, uma vez que não está em causa o mero confronto de dois gestos somente contraditórios. Ora se nota um certo *espírito* da crítica que atravessa os textos de Marx, incessantemente analisando tudo quanto se pretende simples<sup>53</sup>, ora, ao mesmo tempo, se assinala a preocupação de, dando conta do processo de espectralização ou fantomalização, encontrar por fim a sua fonte e o seu fundamento. Fonte e fundamento (por exemplo, as condições materiais de produção) que seriam, por seu lado, independentes de um tal processo<sup>54</sup>. Citemos, a propósito o próprio Derrida:

Por um lado, Marx faz questão de respeitar a originalidade e a eficácia própria, a autonomização e a automatização da idealidade como processos finitos-infinitos da *différance* (fantasmática, fantástica, fetichista ou ideológica [...]) Mas, por outro lado, e permanecendo embora um dos pensadores da técnica, inclusive, de longe, da tele-tecnologia que, de perto ou de longe, ela sempre terá sido, Marx continua a querer fundar a sua crítica ou o seu exorcismo do simulacro espectral numa ontologia<sup>55</sup>.

Porém, mais do que constatar um tal *double bind* (ibid.), como se de uma limitação se tratasse, Jacques Derrida sonda a sempre possível tentação de encontrar, por fim, uma tal realidade anterior à sua repetição, à sua inscrição, enfim, aos espectros e aos fantasmas. Talvez seja mesmo esse o fantasma maior, se assim se poder dizer, e sem que, ao dizê-lo, possamos dizer que dele nos livramos: a afirmação da primazia da subsistência em si, que daria conta (no duplo sentido da expressão) de todos os suplementos e acidentes. A própria desconstrução derridiana se viu e vê frequentemente lida a partir de um tal esquema.

<sup>51</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 178; 206.

<sup>52</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 26, ss.

<sup>53</sup> A mercadoria, por exemplo. Cf. Derrida, *Espectros de Marx*, 244.

<sup>54</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 231, ss.

<sup>55</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 274.

Demorando-nos um pouco mais neste fio de leitura, lembramos que *Espectros de Marx* termina efetivamente com uma reflexão em torno desse terrível e temível fantasma de uma «vida absoluta», isto é, uma vida plenamente idêntica a si e sem diferença. Sem alteridade, e sabemos agora o que isso significa no tocante à justiça. Imunizando-se contra os outros, contra a vinda do outro, pensando assim estabelecer-se na certeza de si mesma, uma tal vida não é senão «mal absoluto» que «pode ter lugar». Pois bem, na “suspeita” diante da simplicidade (do presente e da presença do presente) vinca-se sobremaneira a herança da desconstrução relativamente ao pensamento marxista (Derrida di-lo sem margem para dúvidas: a desconstrução só é pensável como uma certa radicalização do questionamento aberto por Marx<sup>56</sup>).

E, lembramo-lo, não por acaso *Espectros de Marx* abre com esta estranha palavra de ordem: «*aprender a viver*» (p. 13). O “nosso” livro é assim um apelo a um outro pensamento da vida.

### 3.

Para terminar esta breve nota de leitura (e, assim o esperamos, convite à leitura) desta *sobre-vida* do livro de Derrida, gostaríamos de muito brevemente chamar a atenção para a sua importância no contexto dos estudos derridianos, em especial a respeito da questão de uma suposta *viragem ética ou política*. Segundo uma tal perspectiva, os textos do final dos anos 80 e adiante, revelariam um volte-face na desconstrução derridiana. As questões do texto, da escrita, etc., teriam dado assim lugar às preocupações com as problemáticas éticas e/ou políticas (justiça, hospitalidade, soberania, etc.). Julgamos que *Espectros de Marx* pode ser lido como uma resposta a tais perspectivas ou leituras. A justiça como «vinda do outro» ecoa as noções de *rastro* e de *arqui-rastro* (que diz também «abertura da primeira exterioridade em geral») através das quais o filósofo procurará fazer claudicar os conceitos habituais de texto, sujeito, linguagem, racionalidade, etc. Um tal questionamento não pode senão comportar desde logo um alcance ético, político, etc. Não se nega, todavia, que as pressões de fatores externos (o dito “estado do mundo”) não tenham também condicionado as discussões a que Derrida jamais se furtou. A opção decisiva não é entre a continuidade ou a descontinuidade absoluta, mas antes de sublinhar a coerência da reflexão e da obra de Jacques Derrida. *Espectros de Marx* é talvez um lugar privilegiado para investigar esta e muitas outras interrogações.

---

<sup>56</sup> Derrida, *Espectros de Marx*, 158.

